



POLÍTICA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PARA A JUVENTUDE: o significado da formação profissional para os jovens de uma escola profissionalizante de Fortaleza

Ana Paula Neves Lopes¹
Celecina de Maria Veras Sales²
Alexandre Martins Joca³

RESUMO:

Esse trabalho objetiva analisar os significados da formação profissional nos projetos de futuro dos jovens da Escola Estadual Profissional Paulo Petrola, em Fortaleza/CE. Os instrumentos metodológicos utilizados foram: observação participante, grupo focal, diário de campo, questionário e entrevistas. Verificou-se que as opiniões são divergentes sobre a crença de que o ensino profissionalizante garanta a inserção no mercado de trabalho ou na universidade. Com também, que a maioria dos jovens não pretende prosseguir estudando ou trabalhando na área na qual estão se profissionalizando. É como se a formação profissional significasse a preparação para um futuro incerto, aparecendo marcado por indecisões.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Formação Profissional, Projetos de Futuro.

ABSTRACT:

This paper aims to analyze the meanings of professional-technical education concerning the future plans of young people at Paulo Petrola State Professional Technical High School, in Fortaleza, Ceará, Brazil. The data-collection methods used were: researcher participation, focus group, field notes, questionnaires and interviews. It was perceived that the opinions are divergent when we consider the belief that professional-technical education can guarantee the labor market insertion or university insertion, as well as most of them do not intend to continue studying or working in the professional-technical area they are studying. It is like the professional formation could mean the preparation for an uncertain future and a great deal of indecisions.

KEY-WORDS: Youth. Professional Formation. Future Plans.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: apnevesl@yahoo.com.br.

² Doutora. Universidade Federal do Ceará (UFC).

³ Mestre. Universidade Federal do Ceará (UFC).



1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho consiste em um recorte de uma pesquisa maior da minha monografia realizada entre agosto e dezembro de 2011 com os/as jovens estudantes da Escola Estadual de Educação Profissional Paulo Petrola, em Fortaleza. Tem como objetivo analisar os significados da formação profissional nos projetos de futuro desses jovens.

A educação profissional no Brasil originou-se com um caráter assistencialista, mais voltado para as classes menos favorecidas, com o objetivo de ensinar um ofício. Essa característica registrou um marco de dualidade na educação brasileira, uma vez que o ensino profissional foi historicamente voltado para as classes populares e o ensino superior para a elite. Essa dualidade repercute até os dias de hoje, apesar de ser menos perceptível. Com o decorrer dos anos houve uma série de modificações no ensino profissional e esse passou a ser um discurso central nos governos como a garantia para o desenvolvimento e crescimento econômico do país.

No tocante à educação no Ceará, o ensino profissional passou a ser proposta eleitoral de implantação e expansão, surgindo com as primeiras escolas profissionalizantes em 2008, isso no que diz respeito ao ensino técnico integrado às escolas de nível médio. A escola em estudo foi a primeira profissionalizante inaugurada no estado, que assume o discurso do ensino profissional, como a alternativa para o jovem aprender uma profissão e se preparar melhor para o futuro. Considerando esse discurso e a perspectiva dos jovens, nesse trabalho proponho saber o significado dessa formação profissional nos projetos de futuro da juventude. Por quê escolheram uma escola profissionalizante? Pretendem continuar na área do curso após concluírem, seja estudando ou trabalhando? Consideram que a educação profissional prepara realmente para ingressarem no mercado de trabalho ou na universidade?

2 JUVENTUDE E A POLÍTICA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

2.1 Traçando abordagens teóricas



A escolarização de nível médio no Brasil esteve tradicionalmente restrita aos jovens de classes médias e superiores, o que dificultou intensamente a implantação do ensino técnico no país (GOLDEMBERG, 1993). Como enfatiza Nascimento (2007), “o ensino médio tem sido historicamente, seletivo e vulnerável à desigualdade social” (p. 02). A educação brasileira de uma maneira geral era seletiva, limitada e desigual, reflexo das relações de poder. Frequentar uma escola significava uma realidade invisível para muitos, em virtude do difícil acesso, marcado por desigualdades sociais, de sexo, classe, cor, região.

Com a lei nº 5692 de 1971, a profissionalização foi proposta para todo o 2º grau, vista como a solução para uma série de problemas que afetavam a força de trabalho e os estudantes. Além de proporcionar o aumento de profissionais de nível médio que era pequena na época, possibilitaria aos estudantes concluírem esse nível de ensino com uma formação profissional, sem que necessariamente precisassem cursar um ensino superior para obtê-la (CUNHA, 1977).

Apesar da generalização da profissionalização para todas as escolas de 2º grau, a reforma do ensino médio não alcançou os resultados desejados pelo governo (NASCIMENTO, 2007) e resultou num grande fracasso (GOLDEMBERG, 1993), devido uma série de fatores: não houve diminuição de demanda pelo curso superior; a falta de recursos nas escolas; aumento do custo por aluno; as escolas não atendiam às expectativas de qualificação requeridas pela indústria moderna (XAVIER, RIBEIRO, NORONHA, 1994).

Nos últimos anos aumentou a oferta de ensino médio no Brasil, possibilitando o acesso a muitos jovens antes excluídos. Isso poderia representar maiores probabilidades de conseguir funções que exigem maior qualificação no mercado de trabalho e /ou uma maior possibilidade de cursar o ensino superior. No entanto, há uma considerável distância entre a escolha profissional do jovem e sua efetivação, pois muitos são os fatores que interferem na concretização do sonho (BASTOS, 2005).

As políticas públicas para a juventude embora já apresentem um campo fértil de experiências, ainda constituem um espaço em construção (FREITAS, PAPA, 2008).

“A política pública é a forma de concretizar a ação do Estado, significando, portanto, um investimento de recursos do mesmo Estado” (ABAD, 2008, p.14). O autor diz ainda que as políticas públicas representam um elemento básico de construção da cidadania social.



No campo dos estudos sobre juventude essa categoria vem sendo discutida por diferentes autores e a partir de olhares diversos.

Grosso (2000) define a juventude como categoria social, permitindo defini-la como algo além de uma faixa etária. Possibilita a compreensão da juventude como uma representação sócio-cultural e uma situação social.

Já Carrano (2005) anuncia a juventude como uma categoria sociológica inventada pelos adultos que possui difícil definição. E essa dificuldade parte principalmente por possuir critérios que são históricos e sociais (DAYRELL, CARRANO, 2003).

Para Pais (2003) a juventude é vista principalmente através de duas formas: como um conjunto aparentemente homogêneo e como um conjunto heterogêneo. No primeiro quando comparado a outras gerações; o segundo quando vista como conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros.

A vida juvenil é marcada pela pluralidade e circunstâncias que exigem que os estudos sobre jovens levem em consideração a diversidade e as múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem (DAYRELL, CARRANO, 2003). Dessa forma, para compreender a juventude é preciso reconhecê-la nos diferentes espaços, pois ela encontra-se socialmente dividida, em função de interesses, gênero, etnia, classe social.

2.2 Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Profissional Paulo Petrola, localizada na Barra do Ceará, em Fortaleza, Ceará, com jovens do 2º ano dos cursos de Informática e Turismo, trabalhando com a turma de Enfermagem apenas na aplicação de questionário, que foi aplicado às três turmas. Os jovens estudados estão na faixa etária entre 14 a 17 anos, com predominância para a idade de 16 anos (63,3%) e para o sexo feminino (65,5%).

Para a coleta dos dados optei trabalhar com uma abordagem qualitativa, com técnicas que valorizam a escuta e o saber dos sujeitos. Utilizei procedimentos qualitativos como observação participante, diário de campo, grupo focal, entrevistas e procedimentos quantitativos como o questionário.

Foram realizadas visitas semanais na escola durante o período de pesquisa, inicialmente para conhecer o local e os sujeitos e posteriormente para observar a dinâmica



de funcionamento e a vivência dos jovens no espaço. Utilizei o diário de campo como instrumento para o registro de informações nas observações, conversas informais, grupos focais e entrevistas.

Apliquei questionário com a perspectiva de adquirir dados gerais sobre as temáticas em estudo e também como forma de abranger um maior número de participantes.

Após uma maior familiarização com os sujeitos, realizei grupos focais para discutir a temática abordada. A entrevista foi utilizada como ferramenta para aprofundar as discussões dos grupos focais. A partir destes foram mapeados os jovens a serem entrevistados.

Para conhecer um pouco da política pública de educação profissional foram realizadas entrevistas com a diretora e a coordenadora, além da observação e conversas informais com professores e demais funcionários da escola.

2.3 O significado da formação profissional na visão dos/das jovens estudantes da Escola Estadual Paulo Petrola.

Para os jovens estudar numa escola profissional significa ter um ensino de maior qualidade. No entanto, quando questionei se o fato de estudarem numa escola profissionalizante lhes forneceria maiores condições de ingressar na universidade ou no mercado de trabalho, as opiniões foram divergentes. Embora no questionário ao perguntar se consideravam que o curso preparava realmente para atuarem no mercado de trabalho, 84,5% disseram sim e 15,5% parcialmente, durante as conversas e entrevistas alguns jovens apontaram o curso profissionalizante como não suficiente para conseguirem um emprego. Um dos jovens da turma de informática expressou: “aqui é uma oportunidade de melhorar os conhecimentos, mas não é suficiente para emprego”. Na visão do jovem significa terminar o curso e precisar por conta própria buscar outra preparação que lhe dê suporte para trabalhar. Para outros é suficiente porque consideram que a escola oferece um ensino de qualidade e possui professores muito capacitados.

Bom, em relação a entrar na faculdade, essa escola ajuda bastante, já que eles usam o mesmo critério de uma faculdade, mas agora em relação a emprego, eu acho que não é o bastante. Eu conheço uns amigos meus que terminaram aqui ano passado, concluíram o tal curso deles, mas hoje em dias, eles não arranjam nenhum emprego nessa área. Eles estão fazendo faculdade, mas nenhum emprego



relacionado ao curso que eles estavam fazendo (jovem, 16 anos, Turismo).

Sim, porque aqui o preparo é muito adequado, principalmente pro mercado de trabalho, porque nós estamos fazendo um curso que nos joga logo no mercado de trabalho e no 3º ano nós vamos fazer estágio e a gente tem uma chance bem grande de ser contratado pelas empresas particulares (jovem 16 anos, Informática).

O resultado da pesquisa com os jovens do 2º ano mostra que 50% optaram por um curso profissionalizante por gostarem da área, havendo uma distribuição significativa nos outros itens, sendo: 38 % porque querem ter um diploma de ensino profissional, 20% porque consideram ser mais fácil para conseguir um emprego, 5,5% porque a família quis e 6,5% outros. Destacando-se em outros, a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM; porque fazer um curso profissional é um ponto inicial para a faculdade; pelo ensino médio ser de qualidade. Por outro lado, ao questioná-los sobre seus planos para um futuro próximo, a maioria não pretende dar continuidade ao curso que está fazendo após concluí-lo, pois 43,5% pretendem terminar o curso e prestar vestibular em outra área. Como apontou uma das jovens entrevistadas, muitos dos alunos “*não pretendem seguir na profissão porque querem algo a mais, querem um conhecimento a mais*”. Quando questionados o porquê de terem escolhido estes cursos alguns disseram que era o que mais se identificavam, entre os três. Escolheram esta escola porque era modelo, com o objetivo de obterem mais oportunidade quando saírem. Para eles, o curso é um adicional, que irá fazer a diferença quando saírem, não significa que eles devam gostar e/ou se formar na área, entendem que seja uma garantia para o futuro.

O turismo ele é um ótimo meio de profissão, mas não é uma profissão que me ofereça segurança. Até porque não é uma coisa certa, porque como eu vou trabalhar com esse negócio da sazonalidade, tem baixa e alta temporada, não é uma coisa que vai ser certa, entendeu? Se eu trabalhar em outra coisa vai ser certo que eu vou ter meu salário no final do mês, vai ser sempre do mesmo jeito, mas o turismo não é uma coisa que me ofereça segurança, não é uma profissão que eu... ah, vou ser guia de turismo (jovem, 15 anos, Turismo).

Foi observado que a maioria dos jovens que concluem não deseja seguir a área do curso, isso possibilita refletir se esse resultado é apenas em nível local e se vem sendo acompanhado pelo sistema educacional cearense que implantou o ensino profissional. Da mesma forma, é preciso questionar qual o verdadeiro sentido da política pública de educação profissional hoje, o que ela propõe e se ela vem atingindo seus objetivos.



De acordo com lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, artigo 36 - D, parágrafo único, os cursos de educação profissional de nível médio, quando estruturados e organizados em etapas de terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificado de qualificação para o trabalho após a conclusão (p. 35). A lei mostra que o aluno que concluir o ensino médio profissional terá direito ao certificado que lhe dá condições para atuar no mercado de trabalho, sendo questionável se realmente as escolas profissionalizantes vem proporcionando essa qualificação. Através da fala dos jovens percebemos que nem todos consideram uma preparação suficiente para atuarem como profissionais, embora esteja na lei e seja discurso do Estado.

3 CONCLUSÃO

Através desse estudo foi possível observar a descrença dos jovens em projetar o futuro tendo como centralidade a formação profissional, pois a maioria revelou não pretender dá continuidade aos estudos na área em que estão se profissionalizando. Para muitos deles, estudar em uma escola profissionalizante será um diferencial importante quando saírem da escola. Esse diferencial toma como parâmetro as diferenças entre os conhecimentos adquiridos na escola profissionalizante e os transmitidos no ensino médio, na educação regular. Embora nem todos considerem a formação profissional como o passaporte para o mercado de trabalho ou para o ingresso na faculdade, para eles é um adicional, não significando necessariamente a garantia de êxito profissional.

Percebi que para esses jovens a formação profissional tem um significado importante como preparação para o futuro. No entanto, este futuro ainda se mantém enigmático, sem caminhos pré-elaborados, sem perspectivas pré-definidas, com tempos/espacos e caminhos a serem desenhados, parecendo marcado por indecisões, angústias e medos.

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Crítica Política das Políticas de Juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho, **Políticas Públicas: juventude em pauta**. 2. ed. São Paulo -



Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2008.

BASTOS, Juliana Curzi. **Efetivação de Escolhas Profissionais de Jovens Oriundos do Ensino Público**: um olhar sobre suas trajetórias. Revista Brasileira de Orientação Profissional. Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/pop/Downloads/artigos-publicados-na-revistada-abop/artigosparavestibulandos/escolhas%20profissionais%20de%20jovens%20de%20escolhas%20publica.pdf>>. Acesso em: 23 de outubro de 2012.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Identidades Juvenis e Escolas. *In*: **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. (Coleção educação para todos; 3). Disponível em: <<http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espacoeducar/ensinofundamental/educjovensadultos/publicacoes/construcao.pdf#page=139>>. Acesso em 23 de outubro de 2012.

CUNHA, Luiz Antônio Rodrigues. **Política Educacional no Brasil**: a profissionalização no ensino médio. Rio de Janeiro, 1977.

DAYRELL; CARRANO, Paulo César. **Jovens no Brasil**: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. [S. l.]: EMdiálogo, 2003. Disponível em: <http://www.emdiálogo.uff.br/sites/default/files/JOVENS_BRASIL_MEXICO.pdf>. 23 de outubro de 2012.

FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho. **Políticas Públicas**: juventude em pauta. 2. ed. São Paulo - Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2008

GOLDEMBERG, José. **O Repensar da Educação no Brasil**. Estudos Avançados, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v7n18/v7n18a04.pdf>>. Acesso em: 21 de outubro.



GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. Coleção Enfoques. NASCIMENTO, Manoel Nelito M. **Ensino Médio no Brasil**: determinações históricas. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.uepg.br/proesp/publicatio/hum/2007_1/ManoelNelito.pdf>. Acesso em: 20 de outubro.

PAIS, José Machado. A transição dos Jovens para a vida adulta. In: _____. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luisa; NORONHA, Olinda Maria. **História da Educação**: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.